

POPULAÇÃO TRABALHADORA DOS VIVEIROS DE CITROS NO ESTADO DE SÃO PAULO E TRIÂNGULO MINEIRO, ESTADO DE MINAS GERAIS¹

Celma da Silva Lago Baptistella²

1 - INTRODUÇÃO

No modo de produção capitalista, a relação entre o indivíduo e o meio é permeada por uma ampla divisão do trabalho, que se projeta no espaço através de uma grande complexidade de formas, que vai aumentando quanto mais o capital estenda seu domínio sobre os segmentos da atividade social (MOREIRA, 1988).

A divisão social do trabalho expressa o nível de desenvolvimento das forças produtivas, o grau de concentração e a centralização do capital, a produtividade da força de trabalho, sua organização econômica e política. Em presença de grandes organizações econômicas, a divisão social do trabalho não expressa apenas as relações técnicas que são quantitativamente distintas, mas relações sociais qualitativas diversas.

Mudanças na organização agro-industrial e introdução de novas tecnologias têm levado à constituição de mercado de trabalho mais restrito, crescentemente competitivo e seletivo. Os efeitos no declínio do emprego nas cadeias agro-industriais têm sido considerados por alguns como o problema social da década (SINGER, 1996).

O desenvolvimento técnico-científico tem afetado a dimensão e a forma de utilização da mão-de-obra ocupada. As tecnologias recentes aparecem associadas a novas políticas de recursos humanos, aos treinamentos e propostas motivacionais que envolvem critérios salariais, benefícios e alguns processos de decisão participativos. Delineia-se um novo perfil do trabalhador. Há a firme idéia de que o trabalhador envolvido em modernos métodos de gestão deve ser mais criativo e aberto às inovações. Essas trans-

formações do processo produtivo têm reduzido os postos de trabalho e exigido um novo padrão de seleção e de utilização da mão-de-obra, que resultou no desemprego tecnológico (FLEURY, 1988), ocorrendo redução do emprego e precariedade das relações de trabalho.

Conhecer esse processo e analisar suas variantes e tendências consiste em tarefa capaz de propiciar subsídios à orientação de políticas sociais, no sentido de minimizar seus custos, não significando, meramente, registrar os percalços da incorporação da mão-de-obra ao fluxo das inovações; de igual importância é o conhecimento da vivência e da interação dos trabalhadores no seu meio.

A atividade viveirista citrícola demanda muita mão-de-obra comum e especializada. Amaro e Salva (2001) estimaram que este elo da cadeia citrícola, em 2000, possa ter gerado cerca de 6.000 empregos, pois consideraram três pessoas por viveiro. No entanto, com a maior implantação de viveiros telados em detrimento de viveiros a céu aberto, a partir de 1998, a ocupação e a situação dos indivíduos ocupados neste elo da cadeia produtiva alteram-se.

O objetivo deste estudo é apresentar o perfil sócio-econômico da população trabalhadora nos viveiros de citros (enxertadores e trabalhadores comuns) nos diversos aspectos de suas vidas como idade, sexo, moradia, composição familiar, escolaridade, forma e valor de pagamento com as especificidades inerentes às diferentes categorias de trabalho, dentre outros.

Para atingir estes objetivos foi realizado levantamento de campo em dezembro de 2001 e janeiro de 2002. A técnica empregada foi amostragem probabilística³. Foram consideradas duas grandes regiões no Estado de São Paulo, norte/noroeste e sul/sudoeste, e o Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais. Os viveiros de citros foram separados pelos sistemas de produção: a céu aberto e telado.

¹Cadastrado no SIGA NRP1636 e registrado no CCTC IE-12/2005. Baseado no quarto capítulo da Tese de Doutorado da autora (BAPTISTELLA, 2004). A autora agradece aos pesquisadores Antonio Ambrosio Amaro, Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco, Francisco Alberto Pino e à Técnica de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica Maria Cristina Teixeira de Jesus Rowies.

²Socióloga, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

³O detalhamento da amostragem probabilística encontra-se em Baptistella (2004).

2 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

No levantamento de campo o total de pessoas ocupadas nos viveiros do Estado de São Paulo e do Triângulo Mineiro (MG) era de 3.322 pessoas.

Os 253 viveiros que só ocupavam mão-de-obra familiar utilizaram, aproximadamente, 1.012 pessoas⁴. Foram computados 29 viveiros telados familiares ocupando 116 pessoas. Nos viveiros a céu aberto foram computados 224 unidades utilizando, aproximadamente, 896 pessoas. A grande maioria dessa mão-de-obra era residente no imóvel.

Nos viveiros citrícolas que arrematavam mão-de-obra, o total empregado foi de 2.310 pessoas, sendo 443 trabalhadores permanentes residentes, 882 trabalhadores permanentes não-residentes e 7 trabalhadores temporários residentes. Durante o ano, a ocupação máxima de trabalhadores temporários não-residentes foi de 978 pessoas e a mínima de 302 pessoas.

O quadro de recursos humanos dos viveiros se compunha em sua maioria de homens, 69% entre os enxertadores e 65% entre os trabalhadores comuns. Tais proporções variaram entre as regiões e entre as técnicas de produção de mudas.

Nas regiões do Triângulo Mineiro (MG) e do norte/noroeste do Estado de São Paulo (SP-NNO), o sexo masculino foi mais representativo, principalmente na atividade de enxertia. Na região sul/sudoeste do Estado de São Paulo (SP-SSO) havia um certo equilíbrio entre os sexos e especificamente no trabalho de enxertia a participação feminina apresentou-se mais significativa, com 49%.

Por sistemas de produção, nos viveiros a céu aberto foi utilizado, predominantemente, o trabalho masculino, ao passo que nos telados houve preferência pelo trabalho feminino. Na operação de enxertia, nos viveiros telados, constatou-se equilíbrio entre os sexos, enquanto nas outras atividades a presença feminina passou a ser mais expressiva, ocupando 57% dos postos de trabalho (Figura 1).

Se pelo lado dos viveiristas produtores de mudas teladas havia vantagens em arrematar mão-de-obra feminina, pelo lado das mulheres trabalhar neste sistema de produção propiciava:

a) Estabilidade de remuneração, no mínimo de

um salário. Na época do levantamento de campo, a oferta de trabalho nas cidades era pequena tanto no setor secundário quanto no terciário, como também, nos últimos anos, esses setores passaram a exigir um maior nível de escolaridade e de qualificação. O trabalho de diarista ou de volante na agricultura, além de menor remuneração, não estava ocupando muitos braços, por encontrar-se em um período de fraco emprego, dezembro e janeiro, visto que as operações de plantio de culturas anuais e semiperenes têm sido realizadas por meio de motomecanização (BAPTISTELLA, 1994).

b) A maioria dos viveiros telados oferecem transporte e o ponto de encontro dos funcionários se difere daqueles outros trabalhadores rurais, não havendo aglomeração de pessoas. Quando o viveiro localiza-se próximo da cidade onde há linhas de ônibus urbano os funcionários recebem auxílio transporte.

c) O horário de trabalho do viveiro é igual a de setores urbanos, como creche e escola, o que facilita às mulheres levarem e buscarem seus filhos em idade escolar nessas instituições. Como também, por não terem de sair muito cedo e nem chegarem muito tarde em suas casas, o trabalho doméstico é realizado com maior tranquilidade⁵, embora represente um sobretrabalho.

d) Trabalho regular e ainda registro em carteira, com seus benefícios forneciam-lhes sentimento de segurança e de diferença frente às outras trabalhadoras rurais.

A distribuição dos trabalhadores por idade (Figura 2) propicia uma visão de quais são as faixas etárias mais empregadas. Embora seja de conhecimento a proibição do trabalho para menores de 16 anos de idade, observou-se que 2% dos trabalhadores tinham menos de 15 anos. Esses trabalhadores, em geral, eram filhos de viveiristas que produziam muda a céu aberto, ocupando-se um período no viveiro e no outro na escola, levando à ilação de que não estaria havendo prejuízo em seu desenvolvimento escolar. No entanto, o que o setor não deve admitir é a presença de crianças trabalhando integralmente, pois leva a perdas em seu desenvolvimento.

⁵A jornada de trabalho das mulheres quando trabalham na colheita ou nos tratos culturais nas lavouras é maior, assim como a distância entre o local de trabalho e da moradia. Aquelas que possuem filhos pequenos necessitam de parentes ou amigos para os conduzirem à escola ou à creche. Uma descrição detalhada dessas mulheres encontra-se em Baptistella (1998), Vicente (1997) e Panzutti (1992).

⁴Consideraram-se quatro pessoas ocupadas por família.

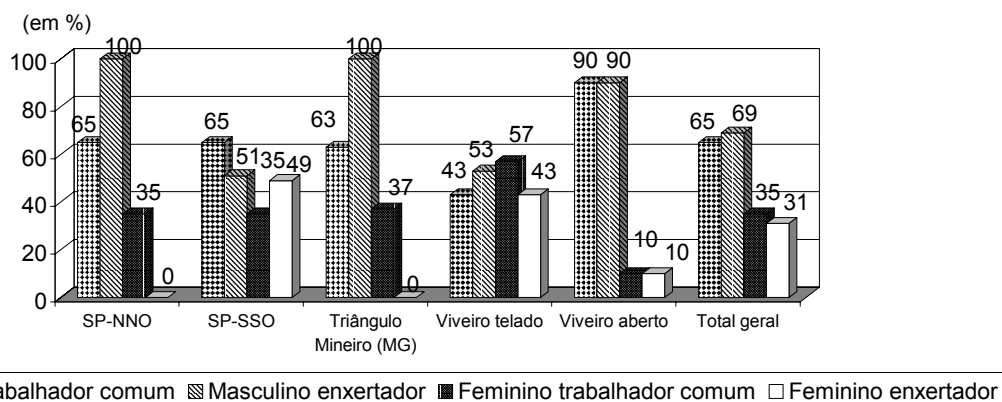


Figura 1 - Trabalhador Comum e Enxertador nos Viveiros de Citros, Segundo o Gênero, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.
Fonte: Dados da pesquisa.

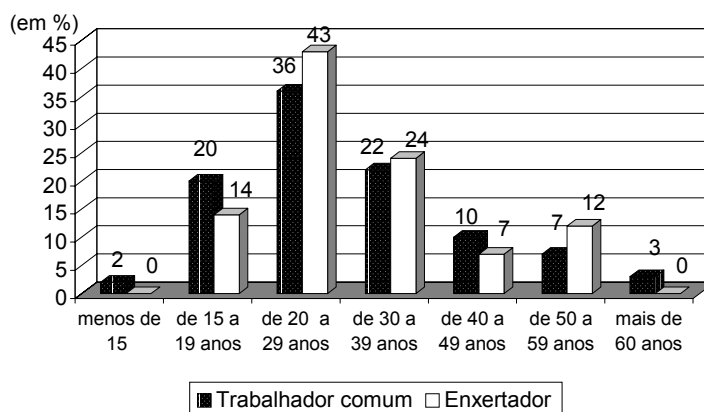


Figura 2 - Faixa Etária do Trabalhador Comum e do Enxertador nos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.
Fonte: Dados da pesquisa.

O setor viveirista empregou 81% de enxertadores e 78% de trabalhadores comuns com idade até 39 anos. A faixa etária que teve maior participação foi a de 20 a 29 anos. À medida que aumenta a idade diminui o percentual dos trabalhadores, mas este setor propicia empregos a pessoas com mais idade e, para alguns proprietários de viveiros, os funcionários mais velhos eram mais responsáveis, assíduos e possuíam mais experiência na atividade. Principalmente na atividade da enxertia, a qual requer qualificação, o tempo que o trabalhador tem na atividade lhe dá um diferencial no momento de sua ocupação no viveiro.

Os viveiros que arrematavam o enxertador para alguns dias no ano, geralmente os viveiros a céu aberto, davam preferência aos indivíduos mais experientes. É o que pode ser ob-

servado na figura 3, onde 75% dos enxertadores atuavam na atividade acima de 3 anos, sendo 19% há mais de 20 anos.

Os enxertadores que possuíam menos de 2 anos eram os que trabalhavam nos viveiros telados e tinham sido escolhidos e treinados no próprio viveiro sob a orientação de um trabalhador mais antigo ou pelo agrônomo do viveiro. Todavia, os que não possuíam trabalho regular, em torno de 72%, informaram exercerem outra atividade além de enxertador, sendo as funções mais citadas as de serviços gerais em sítios, aplicador de defensivos na cultura da cana-de-açúcar, plantador de mudas em pomares e o serviço de arranquio de mudas cítricas em viveiros a céu aberto.

As atividades desenvolvidas pelos trabalhadores comuns não exigem muito tempo de

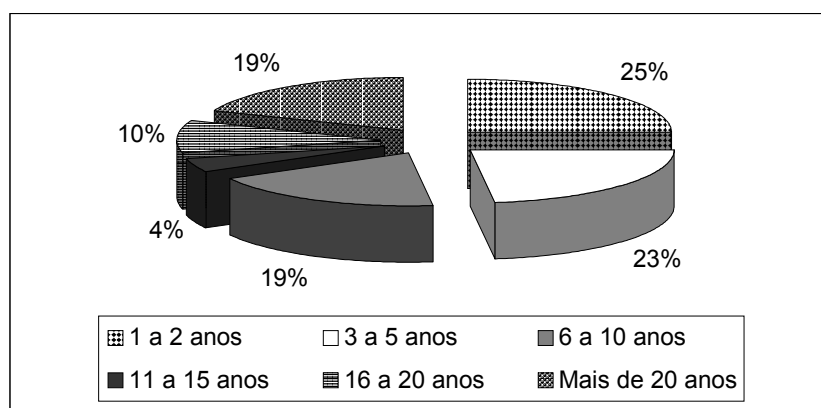


Figura 3 - Experiência em Anos de Trabalho do Enxertador na Atividade Viverista, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.
Fonte: Dados da pesquisa.

aprendizagem, sendo a destreza e a delicadeza em lidar com os porta-enxertos e com as mudas os principais quesitos. As outras atribuições como: plantio de sementes, capina, desbrota, arranquio e carregamento de mudas nos viveiros a céu aberto, descarregar e transportar substrato, encher saquinhos com substrato, sementeira, estaqueamento, corte de cavalinhos, poda de mudas etc., nos viveiros telados, não exigem muita qualificação. Nessa categoria de trabalho 65% das pessoas ocupadas tinham menos de 3 anos na atividade. De forma geral, são pessoas mais facilmente substituíveis e encontradas no mercado de trabalho rural. As que possuem mais tempo na atividade tinham vantagens sobre as demais, mas é uma categoria que tem alto grau de rotatividade (Figura 4).

Nos viveiros a céu aberto, somente em algumas épocas do ano, o trabalhador comum era ocupado o dia todo; em outros períodos ele era requisitado parte do dia, ou era ocupado alguns dias na semana ou no mês; 75% desses trabalhadores exerciam outras atividades, sendo as mais citadas na zona rural: outras atividades nas propriedades; tratoristas; trabalho em seus próprios sítios; prestação de serviços gerais (diaristas) em outras propriedades; realização de tratos culturais em diferentes culturas; colhedores (volantes) de laranja, limão, batata, etc.; e embaladores de citros em *packing-houses*. Na zona urbana ocupavam-se em diferentes atividades como: manicure, vendedor de roupas, motorista de caminhão, pedreiro, músico, estudante, dedetização residencial/comercial e pinturas ou estampas em camisetas.

Não houve menção, por parte dos trabalhadores arrematados nos viveiros a céu aberto, sobre treinamento para exercerem suas atividades, ao passo que, nos viveiros telados, os enxertadores, mesmo os mais experientes, receberam treinamento específico para realizarem suas tarefas e tiveram palestras sobre pragas e doenças. Os trabalhadores comuns mencionaram que tinham recebido vários treinamentos, principalmente os que trabalhavam nas grandes empresas viveiristas como: palestra de pragas e doenças ministradas pelo FUNDECITRUS, uso correto do Equipamento de Proteção Individual (EPI), motivação para o trabalho, palestra sobre defensivos, como fazer amarração e a retirada do plástico da enxertia, palestra com apresentação de vídeos sobre mudas (Como Trabalhar com Elas) e alguns trabalhadores disseram que tinham realizado treinamento de tratorista e de enxertia. Embora existissem dispensas de trabalhadores comuns, ou mesmo pedido de demissões por parte de alguns, por não se adaptarem em trabalhar em locais fechados devido ao calor e a regras muito bem determinadas, havia o interesse das empresas na formação de equipes e na permanência desses indivíduos treinados.

Entre o pessoal entrevistado, quanto às suas atividades anteriores ao trabalho nos viveiros de citros, a metade dos trabalhadores comuns ocupavam-se em atividades do setor rural, sendo que pequena parcela (4%) mantivera relação de produção como sítiantes/pequenos produtores, meeiros (café, batata, arroz, milho e feijão) e os que um dia tiveram seus próprios viveiros de

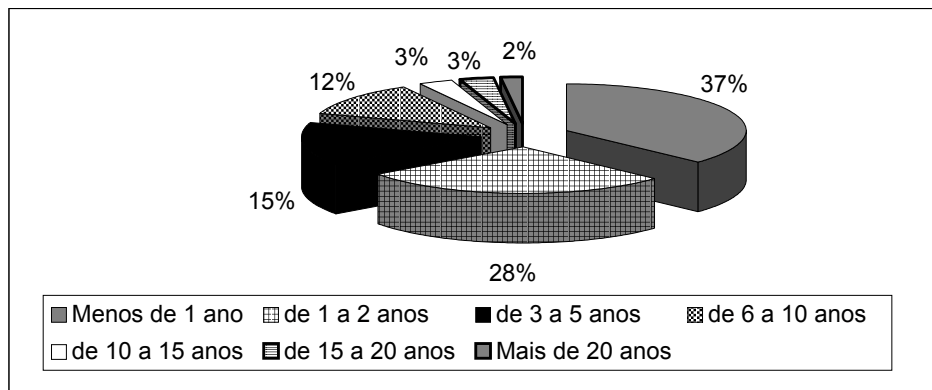


Figura 4 - Experiência em Anos de Trabalho do Trabalhador Comum na Atividade Viveirista, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/ Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.

Fonte: Dados da pesquisa.

muda. Parcela significativa desses indivíduos (46%) sempre mantiveram relação de trabalho, sendo as mais citadas as de colhedor (laranja, limão, cana-de-açúcar, batata, algodão, tomate), diarista, tratorista, retireiro, mensalista, aplicador de defensivos agrícolas, administrador de fazenda e enxertador. Os que informaram terem trabalhado no setor urbano, 9% atuaram no setor secundário da economia (usinas de açúcar, fábricas, curtumes, frigoríficos, tecelagens e pequenas unidades de transformação de aguardente, palha de cigarros e doces); 28% atuaram no setor terciário (empregada doméstica, faxina, pedreiro, balconista, mecânica, funilaria e pintura de veículos, lavador de carros, motorista de caminhão, garçoneiro e vendedor de móveis, madeira e roupas); os 13% restantes tinham como única ocupação o estudo.

Diferente dos trabalhadores comuns dos viveiros, parcela significativa dos enxertadores (72%) sempre estiveram ligados ao setor rural, sendo que 9% mantiveram relação de produção como meeiros de café ou como pequenos sitiantes que também cultivavam seus próprios viveiros. Os que haviam tido relação de trabalho atuavam na colheita (cana-de-açúcar, laranja, limão, algodão, café), diarista, retireiro, mensalista e tratorista. Nas atividades exercidas no setor urbano nenhum dos enxertadores entrevistados tinha atuado no setor secundário da economia; 11% informaram terem trabalhado na área de prestação de serviços (faxineiro(a), pintor, balconista, *office-boy* e empregada doméstica) e 17% eram estudantes.

Foi constatado que 17% dos pais dos

trabalhadores entrevistados também tinham trabalhado em viveiros como trabalhadores comuns e 14% tinham sido enxertadores. Os que informaram que seus pais exerciam outras atividades, a grande maioria das ocupações estavam ligadas ao setor rural, sendo as mais citadas as de colhedor e pequenos sitiantes. Para os trabalhadores de viveiros a céu aberto não foi observado mudança qualitativa entre gerações, ou seja, esses indivíduos estavam reproduzindo a mesma vida de seus pais. Para as pessoas que trabalhavam nos grandes viveiros telados, os resultados apontaram uma melhora na qualidade de vida, relacionada aos benefícios oferecidos pelo viveiro e, principalmente, pelo registro em carteira. Para esses indivíduos, o fato de terem suas carteiras de trabalho assinadas diferenciava-os, tanto profissional quanto pessoalmente dos outros trabalhadores. Estarem efetivamente engajados em seu meio propiciava-lhes sentimento de segurança.

Como o período em que foi realizado o levantamento de campo (dezembro de 2001 e janeiro de 2002) caracterizava-se como de fraco emprego na agricultura, era interessante captar como estavam os mercados de trabalho nos municípios e nas regiões, no entendimento desses trabalhadores. Embora se tenham entrevistado muitas pessoas em diferentes localidades, foi observado consenso de opiniões nessa questão. Para eles, tanto no rural como no urbano, não havia oferta de trabalho suficiente. Muitos postos de trabalho em pequenas indústrias e no comércio tinham sido fechados, ou por falência ou por terem sido absorvidos por empresas maiores.

Além de diminuir o número de vagas, o grau de exigência tinha aumentado pelos empregadores.

Fato semelhante estava acontecendo no meio rural. Algumas propriedades não estavam conseguindo manter-se de forma competitiva e muitas estavam tendo dificuldades em honrar os compromissos com as entidades financiadoras, bem como se modernizarem no processo de cultivo. Os entrevistados deram exemplos de propriedades que precisaram ser arrendadas ou compradas por outra empresa ou por um dado produtor, por utilizar muita tecnologia no cultivo, não empregavam muita mão-de-obra. Os indivíduos nos viveiros a céu aberto, além de conhecerem as dificuldades de ocupação em suas regiões, tinham plena consciência que, a partir de 2003, iriam ficar sem trabalho pois os viveiros telados já tinham composto seus quadros de funcionários. Nos municípios onde haviam muitos viveiros a céu aberto, a competição por um posto de trabalho em viveiro telado seria grande.

Indagados quanto ao nível de satisfação em trabalhar no viveiro⁶ observa-se que as percentagens das notas acima de 8 foram as mais frequentes, para as duas categorias de trabalho (Figura 5). Esse informe, juntamente com as razões que os levaram a trabalhar nos viveiros, possibilita caracterizar o setor viveirista como fornecedor de vantagens, tendo sido as mais citadas: melhor remuneração e jornada de trabalho, facilidade em realizar os serviços. Para os que trabalhavam nos viveiros telados cresceram-se: registro em carteira, uniforme de trabalho, treinamentos e, o mais mencionado, trabalho o ano inteiro. A principal queixa dos que estavam insatisfeitos nos viveiros telados foi a alta temperatura no interior dos viveiros⁷. Ao passo que as insatisfações dos que trabalhavam em viveiro aberto eram o não reconhecimento do trabalho prestado pelos viveiristas e a instabilidade que estavam passando pela diminuição dos postos de trabalho devido à erradicação de muitos viveiros.

Quando interrogados quanto às suas perspectivas de futuro, a grande maioria optou pelo setor de prestação de serviços nas cidades, os mais jovens gostariam de voltar a estudar e fazer cursos técnicos para assim poderem traba-

lhar nas indústrias, e pequena parcela dos entrevistados gostaria de permanecer na agricultura, mas na condição de proprietários rurais.

Não se pode mais separar o setor urbano do rural para se discutir os trabalhadores ocupados nos viveiros, pois a grande maioria mora em áreas urbanas. Mesmo os que residiam no campo (26% de trabalhadores comuns e 17% de enxertadores) e os que residiam nos próprios viveiros (somente 5% dos trabalhadores comuns) dependiam dos dois setores para sua manutenção e reprodução (Figura 6).

Durante décadas o campo expulsou seus moradores, ora por leis governamentais e/ou uso da terra como reserva de valor, ora por expansão de monocultura e/ou substituição de culturas, mas a tecnificação foi o fator que incidiu e ainda tem incidido de forma definitiva no deslocamento das pessoas para as áreas urbanas.

Há anos que o campo tem deixado de ser o principal local de moradia, mas ele ainda necessita de muitos braços em determinadas épocas do ano. Em atividades como a dos viveiros de citros, o trabalho humano se faz essencial, e como as cidades não têm conseguido gerar empregos ou atividades suficientes para absorver essa população, o campo ainda é o principal local trabalho.

Grande parte dos indivíduos entrevistados sempre residiram nas cidades, por oferecerem uma melhor qualidade de vida, pois usufruem de energia elétrica, água, transporte, postos de saúde, hospitais, escolas, divertimentos, enfim, mais facilidades e maior conforto.

O tempo de moradia dessas pessoas no município é outro fator relevante para caracterizá-los. *“Sabe-se que, normalmente, após alguns anos de residência em uma mesma região ou município, as pessoas adquirem hábitos e costumes do local, ou seja, são aculturadas, passando a compartilhar e a entender as regras e leis sociais que regem a comunidade a que pertencem. A mudança de residência sempre traz consigo uma nova adaptação; a mudança constante pode levar o ser humano a perder sua identidade, seus pontos de referência. Não pertencer a nenhuma comunidade resulta em estar vivendo sempre à margem da sociedade”* (BAPTISTELLA, 1998, p.74). Pode-se constatar, nas categorias de trabalho em estudo, que a mudança de moradia entre municípios não fazia parte da roti-

⁶Utilizou-se a técnica de preferência em escala de 1 a 10.

⁷Tema que vem merecendo grande atenção de viveiristas e pesquisadores.

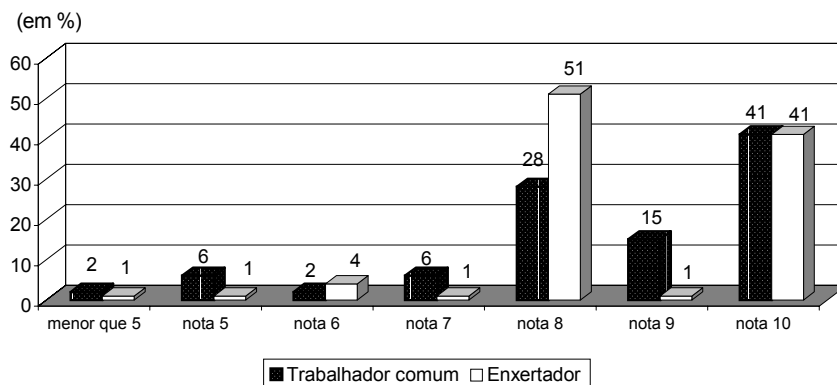


Figura 5 - Nota de Satisfação do Trabalhador Comum e Enxertador em Trabalhar em Viveiro de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.

Fonte: Dados da pesquisa.

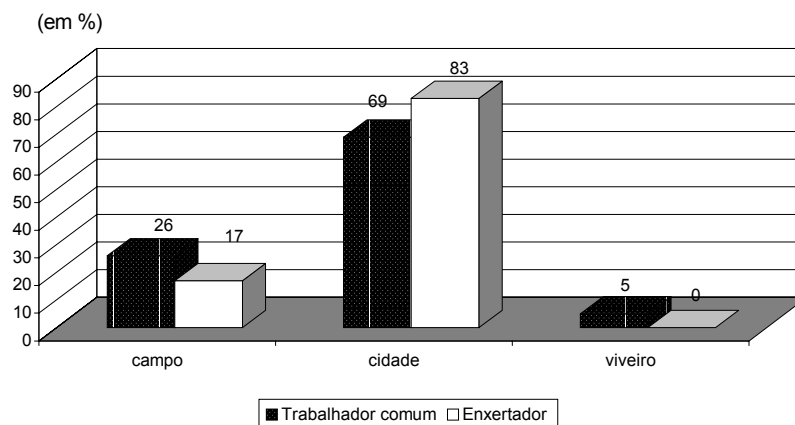


Figura 6 - Local de Moradia do Trabalhador Comum e do Enxertador dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.

Fonte: Dados da pesquisa.

na da maioria dessas pessoas, pois 78% dos trabalhadores comuns nunca mudaram de município e 86% moravam há mais de 5 anos na mesma casa. Estabilidade na moradia foi também constatado para os enxertadores, com 70% residentes no mesmo município e 67% na mesma residência (Figuras 7 e 8).

Como era previsto, a grande maioria dos trabalhadores entrevistados tinha por nacionalidade a brasileira; somente na região SP-NNO foi identificado 9% de indivíduos de origem espanhola. Exceto esse grupo de imigrantes, a maioria dos trabalhadores entrevistados no Estado de São Paulo tinha nascido no próprio Estado, o mesmo acontecendo com os trabalhadores do Triângulo Mineiro (MG).

Dos trabalhadores comuns ocupados nos viveiros, na época do levantamento de campo, 52% eram casados ou amasiados, 46% eram

solteiros e 2% eram separados. Na atividade de enxertia, a proporção de pessoas casadas ou amasiadas era de 68% e 32% eram solteiros.

Nas duas categorias estudadas, 39% dos trabalhadores não tinham filhos. Dos que informaram terem filhos, a grande maioria possui até 2 filhos. Embora 37% dos trabalhadores comuns e 30% dos enxertadores tenham informado 3 ou mais filhos, a média geral ficou em torno de 2,6 filhos por trabalhador (Figura 9). Esses dados indicam que essas categorias de trabalhadores estão seguindo uma tendência geral da população do País. Trabalho desenvolvido por Baptistella (1998), com dados de 1994 sobre os volantes colhedores de laranja na principal região citrícola paulista, que ocupava na época o eixo que se estendia da região de Campinas ao extremo norte do Estado de São Paulo, constatou que o número de filhos por colhedor era de 3 em média.

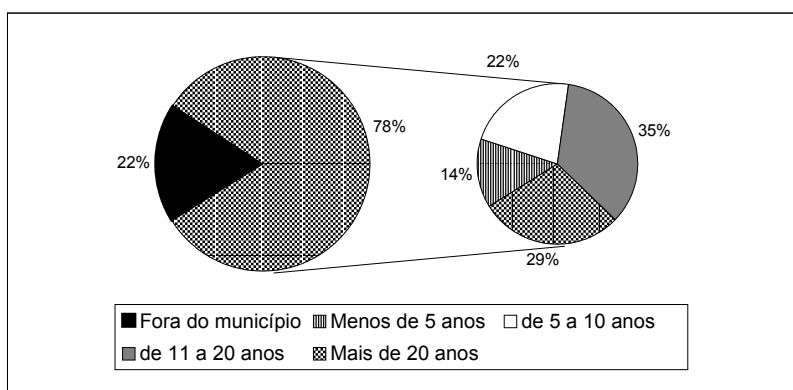


Figura 7 - Tempo de Residência no Município do Trabalhador Comum dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02. Fonte: Dados da pesquisa.

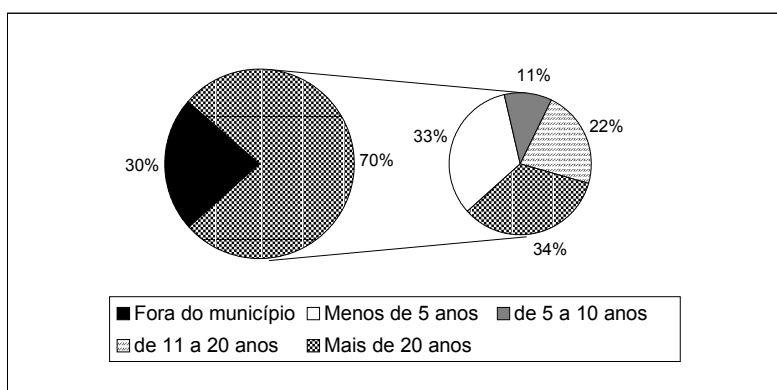


Figura 8 - Tempo de Residência no Município do Enxertador dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02. Fonte: Dados da pesquisa.

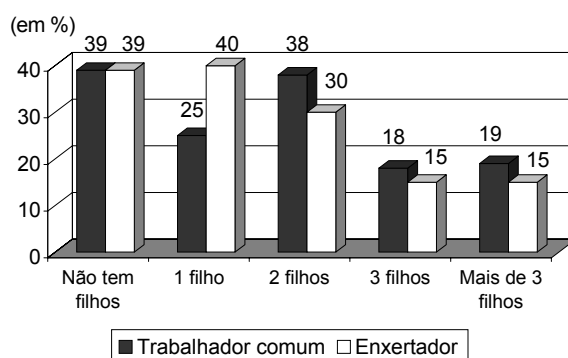


Figura 9 - Número de Filhos do Trabalhador Comum e do Enxertador dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02. Fonte: Dados da pesquisa.

Ao se comparar esses informes, mesmo num período tão curto, há indicação de uma tendência efetiva na diminuição do número de filhos. A idéia de que os indivíduos que trabalham no setor rural tenham, geralmente, muitos filhos deve ser refutada, principalmente nas regiões estudadas.

Dos filhos desses trabalhadores 24% tinham até 5 anos idade, 35% tinham de 6 a 15 anos de idade e, a maior proporção, 41%, tinham filhos na faixa etária a partir de 16 anos (Figura 10). Anteriormente, o número de filhos estava intimamente relacionado com o número de braços produtivos que a família dispunha para sua sustentação. A vida urbana tem alterado, no decorrer dos anos, o padrão da composição familiar. Viver no setor urbano viabilizou a possibilidade de educar e profissionalizar os filhos, como também do ingresso num mercado de consumo onde a dependência em relação ao dinheiro lhes dá insegurança quanto à sobrevivência. Há uma reordenação na unidade familiar e uma transformação no relacionamento interno, os valores tradicionais da sociedade rural está se rompendo com a diversificação dos interesses de cada membro da família.

O número de habitantes por residência, para a categoria enxertador, era em média de 3,8 pessoas.

Os enxertadores que informaram serem as suas remunerações a única fonte de renda na família foi pequeno, ou seja, somente 111 pessoas (6% do total de indivíduos) que dependiam exclusivamente dessa renda sendo: 44 companheiros (as), 50 filhos e 17 outros membros da família, em geral parentes próximos.

Na categoria de trabalhadores funcionais, o número de habitantes por residência era de 4,5 pessoas em média. Um trabalhador funcional tinha como dependente de seu salário 2,8 pessoas. Os dependentes totalizaram 1.020 pessoas (19% do total de indivíduos), sendo 34% companheiros (as), 47% filhos e 19% outros membros da família.

Os dados obtidos na pesquisa identificaram que acima de 60% dos companheiros (as), tanto dos trabalhadores comuns como dos enxertadores, contribuíam na renda familiar em torno de R\$300,00 por mês. Muitos trabalhadores informaram que os filhos também exerciam alguma atividade remunerada. Para 21% dos trabalhadores comuns e apenas 5% dos enxertadores o orçamento doméstico não ultrapassava a R\$300,00

por mês. No entanto, para a grande maioria dos trabalhadores, a renda familiar lhes proporcionava uma qualidade de vida em que as necessidades básicas eram supridas, principalmente para aqueles que recebiam algum benefício dos viveiros onde trabalhavam (como cesta básica, transporte, plano de saúde, etc.), o que demonstra a importância da formalização contratual e os consequentes benefícios que contribuem para elevar a qualidade de vida dos trabalhadores. Para muitos dos entrevistados, o orçamento familiar lhes possibilitava a aquisição de bens duráveis (Figura 11 e 12).

O grau de escolaridade dos entrevistados pode ser evidenciado quando se observa que apenas 3% dos trabalhadores comuns e 2% dos enxertadores não possuem nenhuma instrução; praticamente a metade desses trabalhadores possuem o primeiro grau incompleto, e o que mais chamou a atenção foi que 39% dos trabalhadores comuns e 46% dos enxertadores têm mais tempo de estudo, ou seja, o primeiro grau completo e o ensino médio incompleto ou concluído (Figura 13).

A menos de uma década, o nível educacional das pessoas que tinham como principal ocupação o setor rural era configurado como sendo de poucos anos de estudo. O nível educacional desses trabalhadores está, por um lado, relacionado a uma maior exigência dos viveiros em formar equipes de trabalho que tenham o mínimo de escolaridade, pois muitos empreendimentos estão treinando seus funcionários. Por outro, morando no setor urbano os indivíduos possuem maior possibilidade de acesso à escola e mesmo a cursos destinados a pessoas com mais idade.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados mostra que na época do levantamento de campo a participação masculina predominava, no entanto, havia tendência nos viveiros telados em utilizar, em maior número, mão-de-obra feminina.

A maior parte dos indivíduos possuíam idade inferior a 40 anos; residiam na zona urbana; mudança de município e de residência não se fazia comum; diminuta parcela, tanto dos enxertadores (2%) quanto dos trabalhadores comuns (3%) não tinham instrução. Certamente esses in-

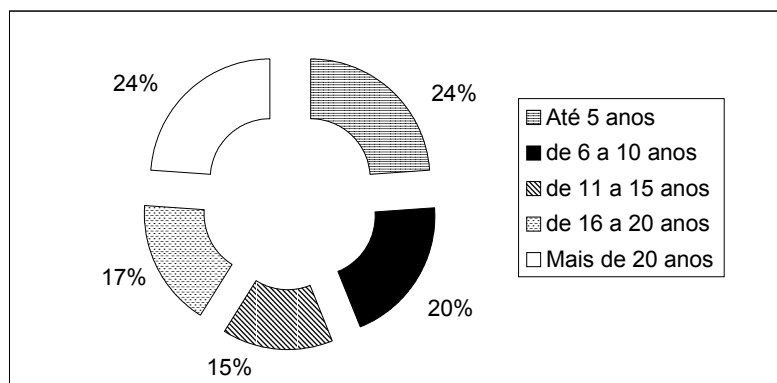


Figura 10 - Idade dos Filhos dos Trabalhadores Comuns e dos Enxertadores dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.

Fonte: Dados da pesquisa.

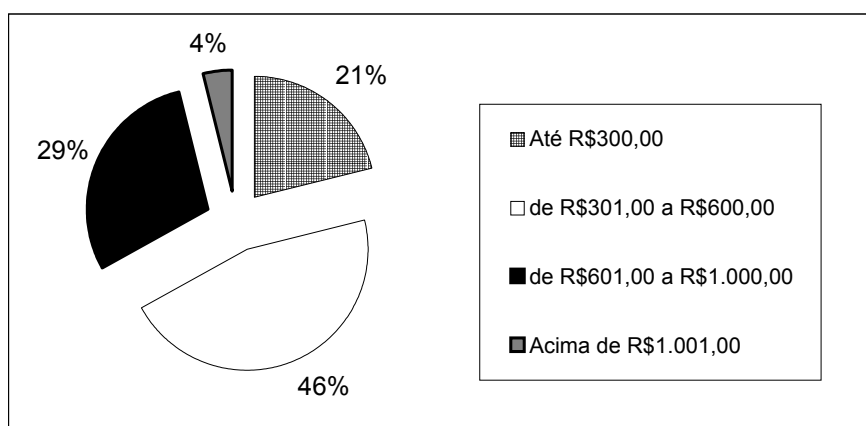


Figura 11 - Renda Familiar do Trabalhador Comum dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.

Fonte: Dados da pesquisa.

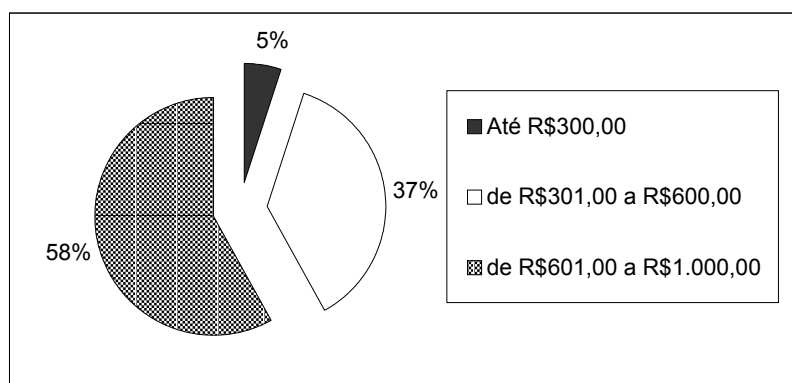


Figura 12 - Renda Familiar do Enxertador dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/02.

Fonte: Dados da pesquisa.

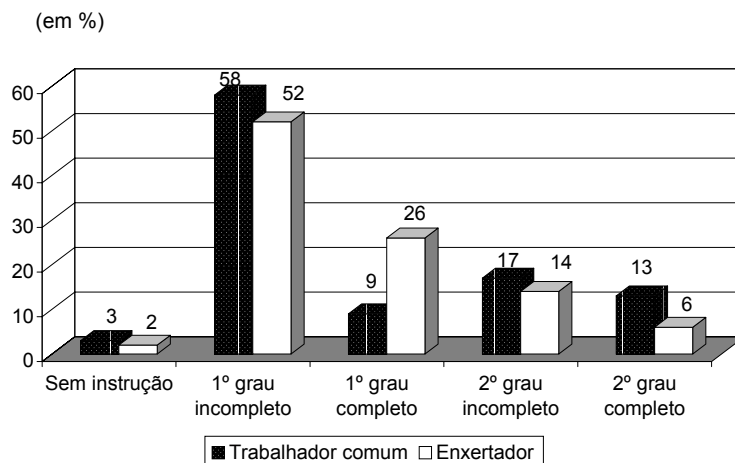


Figura 13 - Grau de Instrução do Trabalhador Comum e do Enxertador dos Viveiros de Citros, Regiões Norte/Noroeste (NNO) e Sul/Sudoeste (SSO) do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, 2001/ 02.
Fonte: Dados da pesquisa.

divíduos com nenhuma escolaridade não serão ocupados nos viveiros telados e, dada a proibição da atividade viveirista a céu aberto, essas pessoas não terão espaço nesse elo da cadeia produtiva.

Mais da metade dos entrevistados eram casados e possuíam, em média, 2,6 filhos. O número de habitantes por residência era de 3,8 pessoas na categoria enxertador e 4,5 pessoas na categoria trabalhador comum. A renda familiar, para grande parte dos trabalhadores, principalmente os de viveiros telados, supria as necessi-

dades básicas.

O sistema de cultivo de mudas em ambiente protegido oferecia benefícios a seus trabalhadores, em especial, o registro em carteira. Havia interesse desses viveiros na formação de equipes e na permanência dos indivíduos treinados. Esse interesse levou o setor a ser seletivo ao arremeter mão-de-obra.

Para as pessoas que trabalham nos viveiros telados, os resultados apontam uma melhora na qualidade de vida e de trabalho.

LITERATURA CITADA

AMARO, A. A.; SALVA, R. A. Produção de mudas cítricas em São Paulo: uma visão econômica. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 31, n. 10, p. 37-52, out. 2001.

BAPTISTELLA, C. da S. L. **Colhedores de laranja na indústria paulista**. 1998. 157 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. **Mercado de trabalho em viveiros de citros no estado de São Paulo e Triângulo Mineiro (MG)**. 2004. 186 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. et al. O trabalho volante na agricultura paulista e sua estacionalidade, 1985-93. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 43, t. 3, p. 61-83, 1994.

FLEURY, A. Microeletrônica e organização da produção e do trabalho na empresa. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 56-61, jul./set. 1988.

MOREIRA, R. Repensando a geografia. In: SANTOS, M. (Org.) **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 35-49.

PANZUTTI, N. P. M. **As mulheres na produção familiar do algodão em Leme (1960-90)**. 1992. 124p. Dis-

sertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SINGER, P. I. "Desemprego e exclusão social", **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 3-12, jan./mar. 1996.

VICENTE, M. C. M. **Inserção da força de trabalho feminina: as bóias-frias na agricultura do sudoeste paulista**. 1997. 228 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

POPULAÇÃO TRABALHADORA DOS VIVEIROS DE CITROS NO ESTADO DE SÃO PAULO E TRIÂNGULO MINEIRO, ESTADO DE MINAS GERAIS

RESUMO: O objetivo deste estudo é apresentar o perfil sócio-econômico da população trabalhadora nos viveiros de citros (enxertadores e trabalhadores comuns) nos diversos aspectos de suas vidas como: idade, sexo, moradia, composição familiar, escolaridade, etc. Para atingir esses objetivos foi realizado levantamento de campo em dezembro de 2001 e janeiro de 2002. Foram consideradas duas grandes regiões no Estado de São Paulo, Norte/Noroeste e Sul/Sudoeste, e o Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais. Os viveiros de citros foram separados pelos sistemas de produção: a céu aberto e telado. O conhecimento da vivência e da interação dos trabalhadores no seu meio é pré-requisito para subsidiar políticas sociais direcionadas ao setor.

Palavras-chave: perfil sócio-econômico do trabalhador, viveiro de citros.

THE CITRUS NURSERY WORKING POPULATION IN SAO PAULO STATE AND THE "TRIANGULO MINEIRO" REGION, MINAS GERAIS STATE, BRAZIL

ABSTRACT: This paper portrays the social and economic profile of the citrus nursery working population (grafters and common farm workers) under the different aspects of their lives, such as age, sex, housing, family composition and educational level among others. It is grounded on a sample survey made in December 2001 and January 2002. Three large regions were considered: North/Northwestern and South/Southwestern Sao Paulo state and the "Triangulo Mineiro" in Minas Gerais state. The citrus nurseries were classified by type of production system, namely, under screen-house conditions or not. The information on workers' life style and interactions within their environment is a prerequisite for supporting social policies aimed at the sector.

Key-words: workers socioeconomic profile, citrus nurseries.

Recebido em 10/02/2005. Liberado para publicação em 28/02/2005.